



**AFINAL, QUANTO DE EXTRAORDINÁRIO A PANDEMIA DE COVID-19 SOMA  
NA VIDA DAS MULHERES MÃES?**

***After all, how much extraordinary does the covid-19 pandemic sum in the life of  
mother women?***

**Rosamaria Carneiro**

Doutora em Ciências Sociais pela Unicamp, Professora no Departamento de Saúde Coletiva da  
Universidade de Brasília, pós-doutoranda no PPGA da Universidade Federal da Paraíba, Brasil.

Email: [rosacarneiro@unb.br](mailto:rosacarneiro@unb.br)

**Elaine Müller**

Doutora em Antropologia Social pela UFSC, Professora no Departamento de Antropologia e  
Museologia da Universidade Federal do Pernambuco, pós-doutoranda no PPGA da Universidade  
Federal da Paraíba, Brasil.

Email: [elainemuller@gmail.com](mailto:elainemuller@gmail.com)

**Áltera, João Pessoa, v. 1, n. 10, p. 441-450, jan./jun. 2020**

ISSN 2447-9837

**RESUMO:**

Em tempos de pandemia de covid-19, a recomendação sanitária de “ficar em casa” parece reordenar relações, tempos e espaços. Vivencia-se o extraordinário nunca antes vivido. A casa ganha centralidade na vida e nas relações, abrigando praticamente todas as atividades das pessoas que se mantêm em isolamento. Há de se perguntar, no entanto, o quanto há de ordinário na rotina de mulheres acadêmicas que são mães durante esse período, já que a equação entre casa, filhos e trabalho lhes é comum. Parece-nos que a pandemia dá visibilidade às desigualdades nas atividades relacionadas ao cuidado, impactando muito mais na carreira dessas mulheres do que na de homens ou de mulheres sem filhos. A carga mental, a impossibilidade de negociar com as crianças o tempo e o espaço para a produção acadêmica, o cansaço materno e sua saúde mental são algumas das questões ordinárias agora escancaradas e que precisam ser debatidas.

**PALAVRAS-CHAVE:**

Maternidade. Maternagem. Produção acadêmica.

**ABSTRACT:**

In times of covid-19 pandemic, the health recommendation to “stay at home” seems to reorganize relationships, times and spaces. We experience the extraordinary never before experienced. The house gains centrality in life and relationships, housing practically all the activities of people who remain in isolation. One must ask, however, how much is ordinary in the routine of academic women who are mothers during this period, since the equation between home, children and work is common to them. It seems to us that the pandemic gives visibility to inequalities in activities related to care, impacting much more on the career of these women than that of men or women without children. The mental burden, the impossibility of negotiating with children the time and space for academic production, maternal tiredness and their mental health are some of the ordinary questions now open and that need to be debated.

**KEYWORDS:**

Maternity. Mothering. Academic production.



“Fique em casa”! Esse é o imperativo que mais se escuta por todos os lugares do globo desde a eclosão da pandemia de covid-19, mais expressivamente a partir de março de 2020. De acordo com informações do mundo virtual, redes sociais em geral, famílias têm se concentrado em apartamentos pequenos ou grandes, em casas urbanas ou rurais em busca de proteção diante de tal crise sanitária. Ao menos nas camadas médias têm sido assim. Afinal, múltiplas podem ser as concepções de casa e de quem pode nela de fato “ficar”. Há três meses as pessoas recebem suas compras de comida, farmácia e insumos de limpeza por tele-entregas ou saem tão somente para realizá-las. Em Recife e João Pessoa, a partir de onde vivemos a pandemia, as praias estão interditadas, assim como parques infantis e esportivos. Os computadores funcionam em casa como os postos de trabalho, pais e mães trabalham *home office*; filhos estão sem escolas ou, muito pior, com atividades remotas em casa, sob a supervisão dos pais.

Nas primeiras semanas de quarentena, termo usado em situações de reclusão física por conta de algum adoecimento ou estado físico de debilidade, muitas foram as recomendações midiáticas de como ocupar esse espaço e como usar o tempo nele habitado (BETTO; BOFF, 2020). Ioga, filmes, bibliotecas abertas, concertos de música na televisão, aulas de dança e muitos manuais de como entreter as crianças encarceradas em tais casos. Viveu-se o que chamaremos de uma “pedagogia física e emocional da quarentena”. Circulavam recomendações básicas de sobrevivência, tais como: praticar atividade física; sentir as emoções; não cobrar produtividade; estar presente com os filhos. Enfim, chorar, rir, mas também ocupar-se, cozinhar e até fazer o próprio pão. Tudo isso em meio a especulações macroestruturais de como o mundo será no pós-pandemia: se totalmente diferente econômica e espiritualmente, com o fim do capitalismo? Ou então, se será muito pior, mais cruel e voraz, quando sairmos de nosso confinamento? No caso do Brasil, cenário ainda aguçado por desgoverno negacionista e uma severa crise política, com o troca-troca de cargos políticos de peso, como do Ministério da Saúde e da Justiça.

Para os homens e para as crianças estar em casa ou ter de ficar em casa talvez represente algo novo, mas a questão que aqui gostaríamos de abordar é sobre a vida das mulheres mães em tempos de pandemia. Quanto e como passa a ser diferente a



vida das mães nesse momento da história? E talvez um pouco além, como passa a ser a vida das mulheres mães docentes universitárias e pesquisadoras?

Nesse sentido, circularam posts e publicações nas redes sociais dizendo que as mães já saberiam como era viver tal reclusão, em razão de já terem vivido o resguardo ou o pós-parto (VILHARINHO, 2020), fase em que a puérpera, em tese, fica mais em casa, dedicada ao bebê e a sua recuperação física. Então, escrevera-se sobre uma quarentena dentro de outra quarentena; sobretudo, para aquelas que estavam com bebês recém-nascidos. Diante de tanta queixa social de cansaço diante dos trabalhos domésticos, muitas mulheres passaram a sustentar ser esse trabalho também algo já conhecido por elas, bastante cotidiano em tempos nada extraordinários (CARNEIRO, 2020). Desse modo, quanto de ordinário não haveria nessa equação entre casa, filhos e trabalho na vida das mulheres mães? Quanto esse cansaço extraordinário experimentado por homens, mulheres não mães e crianças não seria o cansaço ordinário na vida de uma mãe em tempos atuais?

Nesse mesmo período foram publicadas uma série de pesquisas e notícias sobre a produção intelectual nesse momento e sobre a disparidade entre homens e mulheres. As mulheres têm produzido ainda menos intelectualmente nesse momento (LEAL, 19/05/2020; CÂNDIDO; CAMPOS, 14/5/2020; STANISCUASKI, 15/05/2020). Ora, em que medida tudo isso se difere do elencado há alguns anos pelo movimento *Parent in Science* no Brasil, *Mama is an Academic*, na Europa, ou ainda *Mothers in Science*, com mulheres de vários continentes? São todos movimentos<sup>1</sup> que denunciam, e sugerem formas de superar, a desigualdade de produção intelectual entre homens e mulheres, quando estas se tornam mães. Limpar, cozinhar, realizar compras de mercado, acompanhar os filhos nas escolas, dar banho, comida, afeto, atenção, brincar e encontrar tempo para reuniões, trabalho, leituras de monografias, escrita de artigos – parecem ser tarefas empreendidas não de agora por mulheres mães e mulheres

<sup>1</sup> O coletivo feminista #femedtech, sugeriu uma série de ações aos editores científicos, com objetivo de reduzir o impacto desigual da pandemia na carreira de mulheres (CARVALHO, 19/5/2020). Pesquisadoras brasileiras que constituem o movimento *Parent in Science* publicaram uma carta na revista *Science*, apontando o papel central da maternidade na desigualdade de gênero na ciência, e indicando a necessidade de ações e políticas para mitigar a penalização de mães no período da pandemia (STANISCUASKI et al., 15/5/2020), são exemplos de ações sugeridas: o adiamento de prazos de editais e chamadas, flexibilização de prazos para pareceres, fundos de pesquisa que considerem a realidade de acadêmicas com suas famílias.



mães acadêmicas. Mas talvez uma das novidades seja que, finalmente, esse debate pode ter chegado às Ciências Sociais, pois nas Ciências Biológicas e Naturais há alguns anos o debate ganha espaço e peso, mas parecia ser ignorado (talvez propositalmente) no campo das Humanas, algo a ser tematizado em outro artigo.

Tem-se escrito sobre a queda da produção acadêmica entre pesquisadoras mulheres, sem tempo e espaço para concentrarem-se ou por estarem às voltas com os cuidados de outras pessoas (CASTRO; CHAGURI, 22/5/2020). Duas categorias aliás, bastante em voga, nesse momento, tempo/espaço. As pesquisadoras estariam sem um teto e um tempo todo seu, parafraseando Woolf (2014). Ocorre que, mais uma vez, tal realidade não parece ser extraordinária para mulheres mães que, sem rede de apoio, e em seu cotidiano muitas vezes não as têm, mas são cobradas como se as tivessem. Para lançarmos luz a esse tema, há que se pensar que a maternidade não é uma marca biológica que diferencia uma mulher das outras; é sobretudo social e isso a história e a antropologia já se incumbiram de nos mostrar. A carga mental nesses casos exige a sincronicidade de diariamente pensar no outro e pelo outro. Partindo desses aportes, o isolamento social pode estar a escancarar essa desigualdade de distribuição de papéis? Dar visibilidade a ela, algo talvez nunca considerado? Haveria então uma cotidianidade dessa falta de tempo/espaço para as mulheres pesquisadoras mães em tempos tão extraordinários para outras mulheres e homens? Segundo uma pesquisa recente da *Parent in Science*, que ouviu 5 mil pessoas, divulgada na revista FAPESP Pesquisa, 36% dos homens pesquisadores e 32,8% das mulheres pesquisadoras, sem filhos, têm conseguido trabalhar remotamente. Enquanto 17% dos homens com filhos seguem com o trabalho *home office*, tão somente 9,9% das mulheres com filhos têm conseguido pesquisar, escrever e produzir trabalhos acadêmicos (PIERRO, 2020).

Mas, é preciso dizer, que as mulheres mães e acadêmicas não têm vivido somente o ordinário, há também o extraordinário: o isolamento das redes de apoio em torno da maternidade é uma grande diferença nesse doméstico dilatado. Mulheres mães constroem, seja com relações de afeto ou parentesco, seja com serviços pagos, uma rede de pessoas com as quais podem contar no cuidado de crianças. Pessoas e serviços que cuidam das crianças para que a mãe tenha tempo para outras ativida-



des, ou que ajudam em outras atividades para que a mãe possa cuidar de seus filhos. Escola, babá, avó, tia, ou “tia” sem laço consanguíneo, hotelzinho, creche, a pessoa que leva e busca da escola, a pessoa que fica com a criança à noite para a mãe sair, a pessoa que passeia, brinca, leva para aulas extras, a pessoa que alimenta, quem faz a faxina... quase sempre, mulheres.

Um olhar sociológico sobre como essas redes se estruturam, no entanto, revela que o extraordinário da experiência individual da mãe também fala do ordinário: na ausência de um Estado que compreenda a necessidade de proteção e a economia doméstica, como bem lembra Débora Diniz, “são as mulheres que se protegem mutuamente” (MARQUES, 15/04/2020). Se a princípio parecia que toda mãe tinha a experiência das férias escolares e do adoecimento de crianças, estando apta a enfrentar a pandemia e a quarentena, logo a ausência dessas redes de apoio, e a impossibilidade de viver a cidade, deixaram evidente toda a sobrecarga desse momento, o duplo isolamento social ao qual as mães estão submetidas (MÜLLER, 15/05/2020). Para as mulheres acadêmicas com filhos pequenos, matar o “anjo da casa” (WOOLF, 2014) ou negociar tempo e espaço de trabalho (CASTRO; CHAGURI, 22/5/2020) com crianças não é uma opção.

Junto das tarefas cotidianas (HAICAULT, 1984) soma-se a saúde mental das mães e o zelo com a saúde mental das crianças. Essas mesmas mães estão apartadas de suas redes de apoio e adoecidas diante do luto, do medo da morte, da insegurança social que acomete a todos e, ainda mais, atentas aos limites experimentados pelas crianças, como se viu na Espanha (OLIVEIRA, 03/04/2020). Há então diferença, uma diferença que aguça todas as mazelas já envolvidas. Por isso tantos posts e pesquisas têm se debruçado sobre ser mãe na quarentena, em *el encierro*. Nesse contexto todo, quais seriam os momentos para as mães observarem as recomendações pessoais básicas, tais como: movimentar o corpo, comer bem, dormir bem etc.?

Se o debate do cansaço materno, veiculado no filme americano *Tully* (2018) abordado por Carneiro (no prelo), vinha sendo escancarado, nesse momento explode. Muito também tem sido escrito e falado sobre a domesticidade, mas agora também aparece mais aguçada. Silvia Federeci (2019) defende que o *ponto zero* da revolução social e econômica passa pelo reconhecimento do trabalho doméstico



e pelo cuidado enquanto labor. No Brasil, a antropóloga Débora Diniz (MARQUES, 15/04/2020), logo no início da quarentena, disse apostar em um vocabulário feminista pós-pandemia, enquanto Heloisa Buarque de Almeida na possibilidade de uma “nova divisão sexual do trabalho” (O GLOBO, 02/04/2020). Tudo por conta do doméstico, espaço ocupado eminentemente por essas mulheres mães. Ora, por que a sociedade brasileira não queria ver antes o que se passava dentro dos lares? Quanto do trabalho materno de cuidado, organização social e inserção cultural alicerça a nossa cultura?

Para DaMatta (1987), a dicotomia casa/rua dá o tom de nossa organização social. A rua caberia aos homens, à vida pública e ao formal; enquanto a casa às mulheres, à comida, ao que deve ser ali resolvido, que não pode vazar e que carrega menos importância. Essas esferas não estariam dissociadas, mas seriam vasos comunicantes: o público dependeria do privado e vice-versa. A casa, no entanto, em tempos de quarentena tem ocupado mais espaço. Vive-se a casa em intensidade. Da casa vaza o excesso de trabalho, noções de limpeza/sujeira, exploração de mão de obra das domésticas, escorre a sobrecarga, o cansaço e o adoecimento. Todos olham e estão nessa casa, talvez antes nunca assim vivenciada. A rua parece ser o mundo virtual, para onde as pessoas correm para falar sobre a casa. Essa casa, no entanto, poderia ser aqui pensada como o cotidiano e a vida ordinária tematizados por Veena Das (2020) em seus escritos. Para a antropóloga, o cotidiano, o ordinário e o comum denunciam as violências e sofrimentos suportados, os “eventos críticos” e extraordinários. Nesse sentido, a seu ver, o cotidiano diz muito, sobretudo, quando olha para os testemunhos e narrativas de mulheres indianas que nos contam sobre casamentos, estupros, ocupação da Índia e sequestros. Tomando suas narrativas, Das faz uma antropologia do Estado e da margem do Estado, percorrendo sobre a vida pública e seus meandros.

Nesse sentido, tomando sua ideia de que o cotidiano descreve processos sociais de suma importância, como a casa — agora vivida em intensidade — tem denunciado um cotidiano feminino marcado por violências, desigualdade social e de gênero? A vida das mães parece adquirir uma expressão talvez nunca vista e sentida pela sociedade em amplo sentido. Algo para elas vivido diariamente, finalmente parece vir à tona coletivamente, inclusive quanto às mães acadêmicas, sem tempo para si



(CASTRO; CHAGURI, 22/5/2020). Dessa forma, a pandemia enquanto evento extraordinário tem escancarado o ordinário das mulheres mães em suas casas e esse ordinário, quase sempre desconsiderado, por sua vez, tem dito muito sobre a sociedade brasileira e a vida das mulheres não somente agora, mas sobretudo estruturalmente.

Então, no final das contas, quanto de extraordinário têm vivido as mulheres mães e as mães acadêmicas? As mães já vivenciavam esse cotidiano de atravessamento entre casa e rua cotidianamente. Se tomarmos a ideia de “evento crítico” de Das (2020), a vida cotidiana é interrompida e os mundos locais são desajustados, trazendo novos modos de ação e novas categorias para se pensar a realidade. Oxalá a quarentena opere como um “evento crítico” no sentido de se repensar esse doméstico e vida social das mulheres mães. Diferentes em suas realidades, em suas violências, mas próximas no que tange essa domesticidade, pois, no limite, a casa sempre atravessa suas vidas.





## REFERÊNCIAS

BETTO, Frei; LEONARDO, Boff. **Dicas para enfrentar a reclusão na quarentena** (Carta). In: Blog Leonardo BOFF, 28 mar. 2020. Disponível em: <https://leonardoboff.org/2020/03/28/dicas-para-enfrentar-a-reclusao-e-a-quarentena-frei-betto-l-boff/>.

Acesso em: 30 mar. 2020.

CÂNDIDO, Marcia Rangel; CAMPOS, Luiz Augusto. **Pandemia reduz submissões de artigos acadêmicos assinados por mulheres**, Blog DADOS, 14 mai. 2020. Disponível em: <http://dados.iesp.uerj.br/pandemia-reduz-submissoes-de-mulheres/> Acesso em: 24 maio 2020.

CARNEIRO, Rosamaria. **Cartas de um puerpério em quarentena** s/n. In: Antropológicas-Epidêmicas. Disponível: <https://www.antropologicas-epidemicas.com.br/post/cartas-de-um-puerpério-em-quarentena-s-número>. Acesso em: 15 abril 2020.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. **Coletivo pede que revistas acadêmicas reconheçam e mitiguem o impacto desproporcional da pandemia na produtividade de mulheres pesquisadoras**. (Notícia). In: Café História – história feita com cliques. Publicado em: 19 mai. 2020. ISSN: 2674-5917. Disponível em : <https://www.cafehistoria.com.br/impacto-do-novo-coronavirus-na-produtividade-das-mulheres/> Acesso em: 24 maio 2020.

CASTRO, Bárbara; CHAGURI, Mariana. **Um tempo só para si: gênero, pandemia e uma política científica feminista**. In: Blog DADOS, 22 mai. 2020. Disponível em: <http://dados.iesp.uerj.br/pandemia-cientifica-feminista/> Acesso em: 24 maio 2020.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAS, Veena. **Vidas e Palavras**. A violência e sua descida ao ordinário. São Paulo: Editora UNIFESP, 2020. 1 ed.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. São Paulo: Elefante, 2019.

HAICAULT, Monique. La gestion ordinaire de la vie en deux. Sociologie du Travail, Isevier Masson. **Travail des femmes et famille**, 1984, v. 26, n. 3, pp.268-277.

MARQUES, Marília. Como será o mundo pós pandemia? Pesquisadora da UnB aposta em novos valores para humanidade. **G1, DF**, Publicado em: 13 Abr. 2020. Disponível em <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2020/04/13/como-sera-o-mundo-pos-pandemia-pesquisadora-da-unb-debora-diniz-aposta-em-novos-valores-para-humanidade.ghtml> Acesso em: 15 abril 2020.

MÜLLER, Elaine. O mundo pós pandemia: Vamos reconhecer que o cuidado tem que ser um bem coletivo? **Revista Dilemas**. Reflexões na Pandemia, Texto 18. Publicado em: 15/05/2020. Disponível em: <https://www.reflexpandemia.org/texto-18>.

OLIVEIRA, Michele. Quarentena de crianças divide especialistas após crise entre cidades italianas. **Folha de São Paulo**, 03 abr. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/04/quarentena-de-criancas-divide-especialistas-apos-crise-entre-cidades-italianas.shtml> Acesso em: 25 maio 2020.



PIERRO, Bruno de. Mães na quarentena. Isolamento social lança luz sobre desigualdade de gênero na ciência. **Pesquisa FAPESP**, 19 maio 2020. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/2020/05/19/maes-na-quarentena/>. Acesso em: 19 maio 2020.

STANISCUASKI, Fernanda et. al.; Parent in Science Movement. Impact of COVID-19 on academic mothers (Carta). **Science**, v. 368, Issue 6492, pp. 724, 15 mai. 2020. DOI: 10.1126/science.abc2740. Disponível em: <https://science.sciencemag.org/content/368/6492/724.1> Acesso em: 24 maio 2020

VILHARINHO, Thais. **Quarentena. Pós-parto**. In: Mãe Fora da Caixa Instagram, 02/04/2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/maeforadacaixa/>. Acesso em: 20 abril 2020.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. São Paulo: Editora Tordesilhas, 2014.

Recebido em: 29/05/2020.  
Aceito para publicação em: 20/07/2020.

